

PARA INSPIRAR POTÊNCIAS: NARRATIVAS SOBRE A HISTÓRIA DE CORNÉLIA VLIEG

To Inspire Power: Cornelia Vlieg's life narrative

Ariana Campana Rodrigues¹

Silvio Yasui²

Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima³

Artigo encaminhado: 14/11/2020

Aceito para publicação: 04/03/2021

RESUMO: O presente texto narra trechos da história de vida de Cornélia Vlieg contados a uma das autoras que, à época, era uma psicóloga em processo de mestrado, pesquisando as oficinas de geração de trabalho e renda no Núcleo de Oficinas e Trabalho do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, em Campinas-SP. A partir do convite para que a entrevistada relatasse sobre sua experiência profissional como terapeuta ocupacional, a narrativa se desdobra em um percurso no qual emergem acontecimentos de uma vida, trazendo temas históricos holandeses e brasileiros aliados a passagens pessoais, o que se configurou, ao mesmo tempo, no retrato de uma época e de uma existência. Para apresentar esse rico e complexo processo ao leitor, os autores optaram pela narrativa, pela exposição de documentos de Cornélia que ilustram suas falas e por consultas aos materiais escritos por ela para a psicóloga. Concluiu-se que o encontro, que Cornélia pediu que fosse tornado público para que ela fosse útil à sociedade, pode ser inspirador de uma vida mais potente.

Palavras-chave: Saúde Mental. Terapia Ocupacional. Narrativa.

ABSTRACT: This article describes some parts of Cornelia Vlieg's biography shared with one of the authors, a master's degree in psychology student who was researching the work and income generation workshops at Núcleo de Oficinas e Trabalho, at Dr. Cândido Ferreira mental health service, in Campinas-SP. Cornelia Vlieg was interviewed by the authors and during the sessions, she shared her experience as an occupational therapist, some personal life experiences, and some historical facts from the Netherlands and Brazil. Therefore, it was possible to design a portrait of a specific era as well as some

¹ Especialista em Saúde Mental, Mestre em Psicologia e estudante de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Psicóloga. E-mail: arianacampanarodrigues@gmail.com

² Doutor em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP-FIOCRUZ), Psicólogo, Professor Associado na Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista - UNESP, campus Assis. E-mail: silvio.yasui@unesp.br

³ Mestre e Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, junto ao Núcleo de Estudos da Subjetividade e Pós-doutora (2009) pela University of the Arts, London. E-mail: beth.lima@usp.br

parts of her existence. To expose this rich and complex process to the reader, the authors decided to make use of narrative to walk the reader through Cornelia's documents and written material. The material was given to the psychologist and used to illustrate Cornelia's words. It was concluded that the meetings, as asked by Cornelia, should be shared with a greater audience so they could be useful to society and it could inspire more powerful existences.

Keywords: Mental Health. Occupational Therapy. Narrative.

1 INTRODUÇÃO

Todos sabemos da impossibilidade de resumir uma existência em um texto. É necessário iniciar com essa afirmação para precaver o leitor de que aqui tratamos de uma tentativa de registrar um encontro e dar passagem aos afetos que se constelaram. Um modo de registrar alguns dos pequenos e grandes acontecimentos de uma vida. A vida de Cornélia Maria Elizabeth Van Hylckama Vlieg, com quem a psicóloga entrou em contato, em um dos surpreendentes caminhos aos quais uma pesquisa convida. A psicóloga⁴ que, junto a mais dois autores, escrevem o presente texto, era estudante de mestrado à época e pesquisava oficinas de geração de trabalho e renda no Núcleo de Oficinas e Trabalho (NOT) do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, em Campinas-SP. Ela cartografava sua experiência profissional como coordenadora de oficinas, refletindo especialmente sobre a produção de cuidado em Saúde Mental que se operava nesse campo⁵, e foi levada a procurar Cornélia para uma entrevista por ter sabido que a Associação que sustentava jurídica e financeiramente as oficinas levava seu nome.

O Cândido Ferreira funcionou de 1924 a 1990 como um hospital psiquiátrico fechado. Após intervenção da Prefeitura Municipal de Campinas para que se tornasse um serviço aberto, passou a ser chamado de Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira. Lá nasceu o NOT – Núcleo de Oficinas de Trabalho – e a Associação Cornélia Vlieg.

Um dos caminhos para dar forma aos estudos de mestrado seria feito por entrevistas abertas com algumas pessoas que frequentavam as oficinas naquele

⁴A autora em questão é a psicóloga Ariana Campana Rodrigues.

⁵Pesquisa de mestrado realizada entre 2010 e 2012 na UNESP – Universidade Estadual Paulista – campus de Assis, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, sob orientação do professor doutor XXXX, que teve como produto final a dissertação intitulada “XXXX” e que contou com bolsa de estudos da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo.

momento e com outras que ajudaram a fundá-las. O encontro com Cornélia pretendia somar elementos a esse desenho.

Cornélia formou-se em Terapia Ocupacional na Holanda e validou o documento comprobatório no Brasil em 1964, quando a profissão estava sendo regulamentada aqui, tendo figurado como uma das primeiras terapeutas ocupacionais do Brasil. Pelo pioneirismo e pela contribuição ao Cândido Ferreira, se tornou uma referência profissional para os posteriores terapeutas ocupacionais na instituição e fonte de certa curiosidade para alguns, entre eles a psicóloga que se encontrou com ela pela primeira vez em março de 2011.

Inicialmente, o interesse limitava-se a gravar em áudio uma entrevista aberta, com o objetivo de conhecer as contribuições profissionais de Cornélia ao NOT e à Associação, já que ela foi uma das primeiras terapeutas ocupacionais do Cândido Ferreira e poderia trazer informações relevantes à pesquisa. Não havia, de antemão, intenção em saber nada além disso.

Como propõe a cartografia, método escolhido para operacionalizar a pesquisa de mestrado, os estudos aconteceriam durante o próprio pesquisar “com” o campo e o sujeito e não “sobre” ou “para” eles. Junto a isso, o “aprendizado não pode ser enquadrado numa técnica e em um conjunto de procedimentos a seguir, mas deve ser construído no próprio processo de pesquisa” (ALVAREZ; PASSOS, 2009, p.135).

As estratégias deveriam ser, portanto, criadas de acordo com o que demandassem os encontros entre pesquisadora e sujeitos no campo, implicando mutuamente todos os participantes (ROLNIK, 2014; GUATTARI; ROLNIK, 2013). A pesquisa foi acontecendo nesse processo singular que envolvia o compromisso ético da pesquisadora com seu tema e com as relações entre os participantes.

Esse modo de operacionalizar a pesquisa deu abertura para o feliz encontro entre a pesquisadora e Cornélia. Como se verá a seguir, esse encontro transcendeu a pesquisa e se tornou um desenho a parte, que será apresentado no presente artigo. A entrevista trouxe informações que demandavam um outro tratamento, somado ao pedido da própria Cornélia de que sua história fosse contada para que ela fosse útil a outras pessoas.

O que seria somente um encontro, portanto, se desdobrou e desdobrou... Uma personagem riquíssima e complexa se desvelava ante os olhos da jovem

pesquisadora. Cornélia lhe pedia que apresentasse o que lhe contava a quem pudesse se interessar. Quem sabe, dizia ela, generosa, sua história pudesse ajudar pessoas que estivessem vivendo questões semelhantes às suas.

Cornélia: Como a senhora pensa sobre estas coisas que eu escrevi? Sou curiosa.

Ariana: Tá curiosa? Eu acho que a senhora tem uma história de vida muito bonita.

Cornélia: As minhas ideias... Mais tarde está mais escrito sobre isso. Porque eu sei que é real e pode ser feito, com ajuda de cima, com ajuda da vida própria talvez também. Mas é possível dar muito mais para todos, não só para a própria pessoa, para todos (VLIEG, 2011a).

Para a jovem pesquisadora, isso não soou como um simples convite, mas como uma convocação que se viu imbuída a cumprir. Não há aqui a construção de uma biografia, mas a intenção de criar expressão para o modo como os acontecimentos vividos ressoaram em Cornélia, ficaram registrados em sua memória e foram organizados para constituir uma narrativa; e como essa narrativa ressoou em sua interlocutora. Diante de uma jovem, uma mulher, já em sua velhice, se apresentava ao contar sua vida.

Os fatos vividos chegaram da maneira como sua memória se recordava deles e os reportava. E se encontram aqui na forma como foi possível transformá-los em palavras escritas. Esse texto quer ser apenas a ponte entre Cornélia e o leitor.

Que esse prelúdio não sirva apenas como precaução, mas como introdução de um modo de escrita que exigiu cuidado por propor-se a tratar de algo que não pertence a ninguém, mas que atravessou fortemente os encontros, quando Cornélia sinalizou que gostaria que aquilo que contava pudesse se tornar público.

Agora, o compromisso se torna registro: esse artigo tem a intenção de apresentar o que Cornélia contou e refletir sobre a potência de uma existência marcada por postura política, amor, fé e engajamento com a Saúde Mental. A história é dela. Dos escribas houve a escuta de seu relato e o cuidado de que a produção do texto pudesse comportar a complexidade de sua história. Afinal, o que pode expressar a narrativa de uma vida?



Figura 1 Cornélia Vlieg (fotografia feita por Ariana em 08 de março de 2011)

2 O CONTEXTO

Numa espécie de “garimpo de causos” sobre quando e como havia nascido o Núcleo de Oficinas e Trabalho (NOT), que entre 2010 e 2012 era campo da pesquisa de mestrado da psicóloga, a figura de Cornélia apareceu como mais uma possibilidade documental da história das oficinas.

O NOT é constituído por oficinas de geração de trabalho e renda para usuários da Saúde Mental de Campinas-SP. Em 2010, ele contava com 17 oficinas e cerca de 300 usuários¹. O Núcleo, além de campo de sua pesquisa de mestrado, era o lugar onde a pesquisadora atuava como psicóloga contratada para coordenar as oficinas de velas, pintura e agrícola (entre 2009 e 2011).

A pesquisa apostava que a experiência de trabalho desenvolvida no NOT poderia contribuir para a discussão das questões clínicas e institucionais em equipamentos de geração de trabalho e renda na Saúde Mental. A entrevista com Cornélia seria importante, pois, além de totalmente afinada aos ideais da Reforma Psiquiátrica e à ética da Atenção Psicossocial, ela era a história viva do NOT e poderia agregar elementos e enriquecer o estudo.

A entrevista aberta com Cornélia, que seria gravada em áudio, havia sido escolhida para privilegiar que o curso da conversa acontecesse da maneira mais rica possível, pois possibilitaria a captação e elaboração de interrogações, explicações, dúvidas, intervenções mútuas, num campo dinâmico instaurado pela própria ação de entrevistar (KASTRUP; BARROS, 2009).

Mas, já no início do primeiro encontro, a proposta da entrevista aberta para garimpar histórias sobre a Associação e o NOT foi sendo reconfigurada e logo superada, pois o que era para ser uma interlocução entre uma pesquisadora e uma pessoa entrevistada tornou-se uma conversa para além de conteúdos acadêmicos. Isso porque a intenção de Cornélia não era necessariamente colaborar com a pesquisa, mas contar sua história de vida.

A partir de então, a narrativa de Cornélia foi privilegiada. Sem interferências da pesquisadora que pudessem desviar Cornélia do que ela gostaria de contar, a proposta metodológica da entrevista foi sendo redesenhada e logo abandonada, para que ali coubessem as singulares narrativas de Cornélia.

Benjamin (2012) pensa que a “narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão – no campo, no mar, na cidade –, é, ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação” (BENJAMIN, 2012, p. 221). Através dela, muitos podem ser os modos artesanais de expressão para dar contorno, entre outros elementos, também à expressão de uma vida. Por valorizar as narrativas e esse modo artesanal de comunicar, não há, aqui, explicações sobre o que Cornélia narrou, como ensinou Benjamin:

Metade da arte narrativa está em, ao comunicar uma história, evitar explicações (...). O extraordinário, o miraculoso é narrado com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso *o episódio narrado atinge uma amplitude que falta à informação* (BENJAMIN, op.cit., p. 219, grifo meu).

Junto à narrativa, Cornélia apresentou documentos pessoais relativos à sua formação profissional na Holanda e escritos dela própria sobre sua história de vida. Em seu conjunto, as trocas foram estabelecidas em três visitas, telefonemas, cartas trocadas, composição de diários de campo por parte da psicóloga e outros encontros que geraram boas conversas. A postura da

pesquisadora se refez para que, a partir dali, não houvesse mais uma entrevistadora, e sim uma pessoa disposta a escutar uma história de vida.

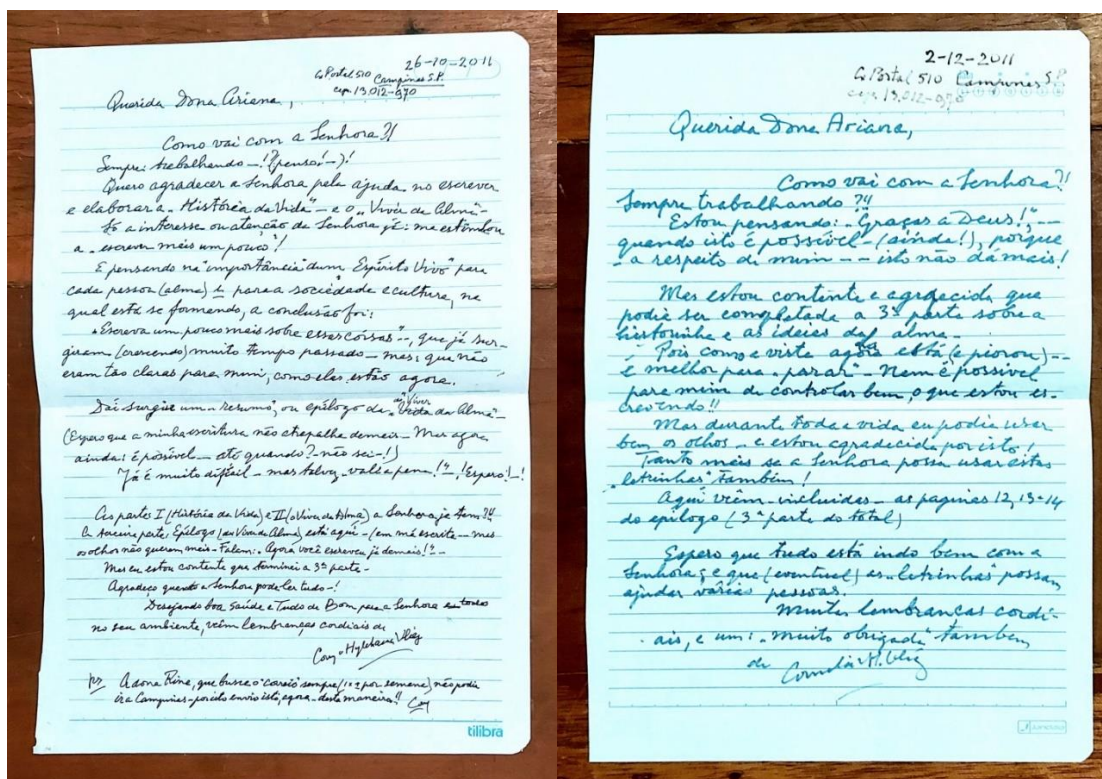


Figura 2 Cartas de Cornélia Vlieg enviadas à Ariana em outubro e dezembro de 2011.

3 O CENÁRIO

Numa manhã de inverno, saí de Sousas (Campinas-SP) e cheguei a Holambra⁶, no Centro Social Holandês, onde ela morava. Certa de que o entusiasmo havia me levado a desrespeitar minha timidez, entrei um pouco acanhada e com muitas cerimônias para me apresentar pessoalmente. Para balizar a conversa, levei anotadas algumas questões concernentes ao NOT, desde seus primórdios até aqueles dias, bem como sobre a fundação da Associação que leva seu nome. Fui recebida gentilmente por ela, que exibia largo sorriso e que rapidamente me acolheu com sua voz miúda e doce: “Que bom que você veio! Senta ali naquela poltrona e vamos tomar um chá. Quer biscoitos? Você tem bastante tempo? Minha história é longa...” (notas de diário de campo).

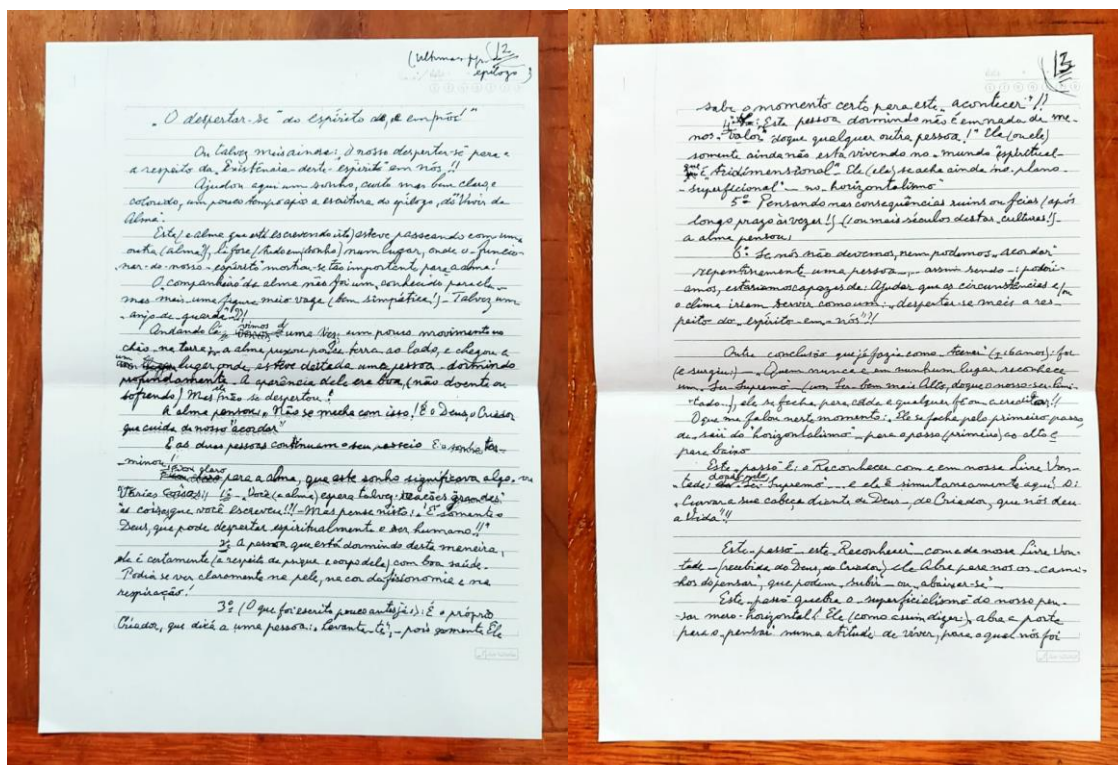
⁶ Holambra (palavra que mistura os nomes próprios “Holanda”, “América” e “Brasil”) é um município de pequeno porte do estado de São Paulo fundado em 1948 por holandeses que vieram ao Brasil logo após a Segunda Guerra Mundial. A história de Cornélia se funde com a da cidade.

3.1 Para começo de conversa

Cornélia havia preparado uma cópia de um material cuidadosamente escrito e desenhado à mão por ela mesma para contar a história que se imaginava, então, que seria a do NOT, mas que a pesquisadora percebia com surpresa que era a história da própria Cornélia. Com muito zelo, ela havia escrito sua história antes em holandês, que lhe era mais fácil, e posteriormente traduziu para o português.

Nunca lhe perguntei se ela havia se equivocado sobre meu pedido de conversar sobre a fundação do NOT ou se ela quis me contar suas próprias memórias por algum motivo, mesmo sabendo que eu estaria ali no propósito de fazer uma entrevista para o mestrado. Isso me pareceu desnecessário, pois aquele acontecimento me afetou muito mais do que o propósito inicial do encontro. O fato é que, conforme ela me apresentava àquelas páginas escritas com letras tão bonitas, meu interesse e fascínio aumentavam (notas de diário de campo).

Cornélia encarnava em sua existência conceitos e histórias de povos que, no mais das vezes, conhece-se apenas no plano teórico. Suas experiências extrapolam seu tempo e acenam para provocações de outros modos de viver. Sua narrativa pode ser capaz de viabilizar compreensões sobre a complexidade da vida, ao desmanchar antigos e produzir novos territórios subjetivos em quem se dispõe a conhecê-la.



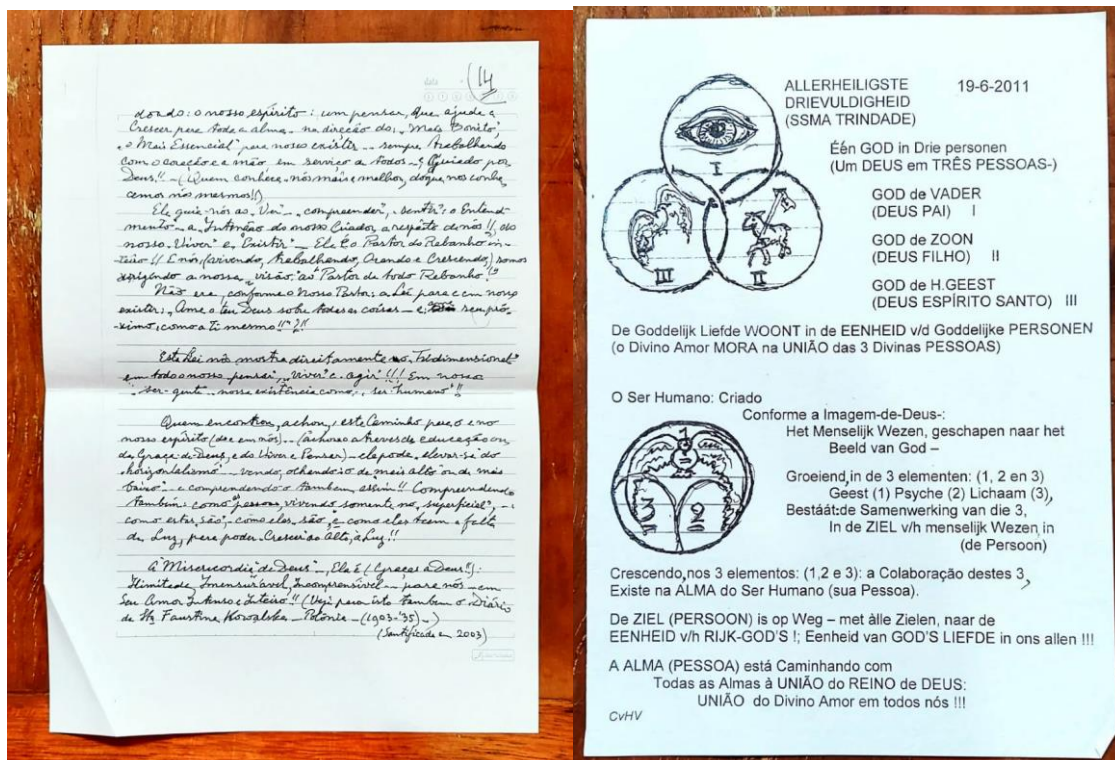


Figura 3 Trechos das memórias de Cornélia Vlieg escritos por ela própria

3.2 O pedido

Ao me sentar em sua sala, tão logo recebi de suas mãos as páginas redigidas, comecei a lê-las em voz alta para que nós duas pudéssemos conversar sobre o que ela havia escrito (notas de diário de campo).

Tanto o registro escrito quanto o áudio gravado dos encontros constituem o material que toma corpo nesse artigo. Ao longo das conversas, Cornélia frisou inúmeras vezes que contava tudo aquilo porque conhecer o que ela havia vivido poderia, de alguma forma, ajudar alguém e ser útil à sociedade. Ser útil parecia não apenas um propósito daquele momento, mas de toda sua vida.

A necessidade de fazer um relato de sua existência e a urgência de que este viesse a ter, no futuro, alguma “utilidade” às pessoas, está presente similarmente no célebre “O diário de Anne Frank”, escrito por outra holandesa que também viveu o período da Segunda Guerra Mundial, mas que não sobreviveu a ela:

Não quero que minha vida tenha passado em vão, como a maioria das pessoas. Quero ser útil ou trazer alegria a todas as

peças, mesmo àquelas que jamais conheci. Quero continuar vivendo depois da morte! E é por isso que agradeço tanto a Deus por ter me dado esse dom, que posso usar para me desenvolver e para expressar tudo o que existe dentro de mim! (FRANK, 2003, p. 260).

De semelhanças entre elas, não há apenas a nacionalidade e a vivência do período histórico, mas também a aposta nas potências das histórias que são contadas. A narrativa de Cornélia é admirável não somente pelo conteúdo, mas principalmente por sua postura de sobrevivência, enfrentamento, resistência e criação permanente de linhas de fuga num cotidiano feito de dificuldades e impedimentos.

4 HISTÓRIA DE UMA VIDA, HISTÓRIAS DE NOSSO MUNDO⁷

Nas cópias dos escritos entregues à pesquisadora, a vida de Cornélia estava dividida em cores: branco indicava a “história da vida em geral”, amarelo as “expressões em poesia e desenho”, vermelho se referia à “experiência ou influência especial” e verde ao “crescer como pessoa lésbica (ou homossexual)”. Suas escolhas pela arte, desenho e Terapia Ocupacional aparecem nesses títulos e se mantêm durante todo o texto. Ao longo da prosa, compreendemos que possivelmente essas escolhas tiveram influência de seu pai, que era arquiteto e amante das artes.

Cornélia nasceu em Leeuwarden, na Holanda, em 20 de dezembro de 1920. Esse espaço-tempo, caracterizado pela reestruturação europeia após a Primeira Guerra Mundial e a adolescência vivida durante a Segunda Guerra Mundial, marcou muitas das escolhas dessa senhora cheia de lembranças traduzidas em suas narrativas escritas e faladas.

Ela descreve sua família como sendo “muito liberal”⁸, pois seus pais deixavam “livres” os filhos para que eles tomassem os caminhos que desejassem. Ela contou que seu pai era um luterano ortodoxo e sua mãe era da Igreja Remonstrante. Ela foi a caçula de seis irmãos, sendo três rapazes e três moças.

⁷ O presente texto foi composto pelas entrevistas gravadas em áudio e pelos textos que Cornélia escreveu. Portanto, todas as informações que constam aqui são de autoria dela própria.

⁸ A partir daqui, as aspas usadas no texto sempre fazem referência literal às palavras – escritas ou faladas – de Cornélia, exceto quando explicitadas com referências bibliográficas.

Nesse cenário – embora ela sentisse que tinha ampla liberdade para escolher como conduziria sua vida e tendo aprendido sobre a importância de se responsabilizar sobre si e suas escolhas – preferiu não se manifestar quando começou a perceber, nos primeiros anos da adolescência, o que chamava de “tendências homossexuais” (VLIEG, 2011b).

Enquanto contava sobre isso, Cornélia advertia sua interlocutora sobre a importância e o ineditismo de sua revelação; e também por acreditar que sua história como um todo deveria ser respeitada e conhecida, sem que fosse dada ênfase a nenhuma parte isolada. Cornélia deixou claro que havia concordado com os encontros porque queria contar sua história de vida agora que havia chegado “a maturidade do tempo” (VLIEG, 2011a), e ressaltou muitas vezes a recomendação de que não fosse dado destaque a apenas esse trecho.

Cornélia escreveu sobre uma procura, que durou toda a vida, por encontrar respostas a perguntas profundas sobre a relação entre o corpo e a psique. “São o corpo e a psique (com suas reações) que definem a aspiração à uma Vida Boa?!” ou: ‘É o espírito nosso, com seus avisos e orientações, que define e orienta o aspirar à Vida Boa?’(VLIEG, 2011b).

Cornélia viveu momentos em diferentes planos de complexidades. Parte de sua vida transcorreu num momento terrível da história da humanidade e, em nossos encontros, houve lembranças de muita dor dos tempos da Segunda Guerra Mundial.

Ela contou que, no final de setembro de 1942, aos 21 anos, tentou o suicídio se jogando ao mar em Haarlem, por não suportar os horrores da Segunda Guerra Mundial e também devido a conflitos entre seus desejos e suas referências sociais e religiosas. Talvez por ela ser alguém com muita potência de vida, ou talvez porque o incompreensível e o imprevisível sempre nos rondam, surpreendentemente o mar a devolveu à areia. Assustada e com frio, ela buscou o casaco de um transeunte da praia que, imaginando se tratar de um furto, logo chamou a polícia. Ela foi levada à delegacia, onde os policiais compreenderam que não se tratava de um furto, mas de uma tentativa de suicídio, e a encaminharam a um hospital em Santpoort, onde ficou durante poucos meses. Imediatamente após essa internação, sem que ela recebesse alta, foi encaminhada a outro hospício, onde permaneceu durante dois anos e meio.

As experiências de internação tiveram forte influência sobre suas opções profissionais pela Terapia Ocupacional e pela Saúde Mental. Foi lá, em novembro de 1950, que ela conheceu as práticas e acreditou que elas poderiam ter efeitos benéficos em pessoas que, como ela, experimentavam sofrimentos psíquicos.

Durante essas internações, ela foi submetida a várias terapêuticas usuais na época, como a eletroconvulsoterapia e os banhos em uma grande bacia, onde era afogada até desmaiar por falta de ar. Houve uma situação em que um jovem psiquiatra quis aplicar um “tratamento de sono” induzido pela ingestão de medicamentos que a fariam dormir por um longo tempo, o que não aconteceu porque Cornélia sofreu um acidente no banheiro e ficou em recuperação. No entanto, seus apontamentos sobre esse período pouco se referem às práticas de violência no hospício, pois relatou que lá ela se sentia cuidada. Além disso, a tentativa de suicídio foi um atravessamento de sua história que, embora com significado de morte, conduziu Cornélia à vida, pois a internação psiquiátrica, uma das consequências desse ato, a protegeu de prováveis ataques por sua filiação partidária, como veremos mais adiante.

Depois de alguns meses de internação, já estável e não mais querendo se suicidar, ela se engajou nas atividades do hospício e ajudou os internos com trabalhos manuais e teatro. Nesse período da internação, ela se posicionou como alguém que se curou e que estava disponível para auxiliar no processo de recuperação dos outros internos. Embora ainda não conhecesse a Terapia Ocupacional, Cornélia havia obtido, em 1942, “a habilitação para instrução secundária”, para ensinar desenho manual e desenho geométrico em escolas de nível secundário. Ela se formou na Academia de Artes em La Haya, onde morava na época, para ser professora de desenho e de pintura.

Essa experiência de auxílio aos demais pacientes foi tão rica que, em janeiro de 1956, começou a fazer o curso de Terapia Ocupacional oferecido pela Cruz Vermelha e pela Associação Girassol (“De Zonnebloem”), na Universidade do Povo, em Baarn, na Holanda, para atender às demandas dos soldados que voltavam da guerra. Esse curso foi fundado em 1952 e era o único do país. Ela contou emocionada que, antes disso, não existia Terapia Ocupacional na Holanda. Houve uma seleção de alunos, pois eram 400 candidatos para 40 vagas. O curso foi intensivo, com muitas horas de aulas todos os dias e duração

de três meses. “Foi um curso bem bonito, do tipo mais antigo, dirigido totalmente à ‘pessoa’ do paciente e não à produtividade dela” (VLIEG, 2011c). Logo que ela se formou, começou a trabalhar no hospital católico em Groningen.

Em 1956, ela fez o curso do que, naquela época, era conhecido como *well fare*, ou “bem-estar”, e que era composto por formação teórica e práticas em terapia ocupacional e psíquica por meio de trabalho manual. Assim, lhe foi concedida a certificação de Diretora de Bem-estar, em 1957.

Ao concluir o curso, ela foi contratada pela Associação Girassol para atuar como terapeuta ocupacional. Foi nessa instituição que conheceu uma enfermeira, cuja amizade prosseguiu até o falecimento desta, em 2007. A amiga, que já tinha vindo a Holambra, inspirou Cornélia a vir também.

Cornélia já era católica, tendo sido batizada em 1955, mas não fazia parte de nenhum braço da Igreja. Ela entrou como cônica para a ordem do Santo Sepulcro em 1957, na cidade de Lochem, por influência da amiga. Lá, ela vivia os votos de caridade, pobreza e obediência, mas não ficava no convento, pois valorizava o trabalho fora dele. Por isso, ela se tornou “leiga consagrada, mas fora do convento” (VLIEG, 2011a). Sua vinda a Holambra foi por meio dessa ordem.

A fé de Cornélia era forte e muito presente em sua vida. Ela conta uma passagem de sua experiência religiosa em que, ao se questionar se seria real ou não a presença de Deus na hóstia consagrada durante uma missa, ela viu “um sol grande, brilhando suavemente, com um muito bonito arco íris, totalmente em redor, tudo com caloroso azul escuro no fundo, como se fosse num céu, durante a noite!”. Também viu a hóstia, em outros momentos, como um “pequeno ‘centro’ brilhando suavemente”. Sobre isso, se questionou se seria uma lembrança de uma pintura antiga que havia visto na Polônia ou se era “já quase louca por religião” (VLIEG, 2011b, p.12).

Cornélia disse ter sido filiada ao Partido Nacional Socialista holandês antes da guerra, que tinha ramificações por diversos países europeus e que, depois do início da Segunda Guerra Mundial, passou a ser liderado por Adolf Hitler. Ela se filiou antes do início da guerra e enfatizou que, à época, não havia antissemitismo no partido. Ela concordava com os preceitos do partido, dizendo que se tratava de confiança em Deus, solidariedade e amor pelo povo e pela pátria.

Ela também contou algumas curiosidades. Uma é que ela acreditava que, antes da guerra, havia judeus filiados ao partido. A outra é que ela respeitava o que chamou de “os Navegantes”, se referindo à Inglaterra, e também o “lutador do Oriente”, que era o Japão. Isso tudo lhe causou inúmeros questionamentos durante a guerra e no pós-guerra.

Ela se sentiu “co-culpada” – como ela mesma disse – pelos horrores que os alemães fizeram aos judeus, assim como muitos outros holandeses também se sentiram, pois sabiam que membros do partido nada puderam fazer para impedir a guerra. Ela era contrária à violência do partido, mas não podia atuar contra ele, o que lhe causou profundas angústia e tristeza. Dizia que “uma bomba espalha muito mais ódio do que estilhaços” (VLIEG, 2011a).

Quando a guerra terminou, em maio de 1945, todos os membros do Partido Nacional Socialista tiveram que se apresentar à polícia. O paradoxo que viveu implicava um dilema: durante a guerra, se ela tentasse se opôr ao partido, poderia ser exterminada. Por outro lado, por não ter tentado impedir os assassinatos, foi presa no que havia sido um campo de concentração.

Por isso, em 11 de maio de 1945 (três dias depois do fim da guerra), ela foi à delegacia se apresentar como membro do partido, mesmo estando ciente de que seria encaminhada pelo governo holandês à prisão num lugar que havia sido usado pelos nazistas para matar seres humanos e que o governo passou a usar para aprisionar holandeses dissidentes e aliados dos alemães no pós-guerra. Ao se apresentar, ela conta que se justificou dessa maneira à polícia: “me sinto co-culpada dos horrores que aconteceram a respeito dos judeus e outros prisioneiros” (VLIEG, 2011a).

Cornélia foi conduzida ao que havia sido um campo de concentração durante a guerra em Oegstgeest, perto de Leiden. Uma amiga, que havia sido um grande apoio à Cornélia durante a guerra, teve um papel fundamental no momento em que foi presa. A amiga buscou, entre colegas, alunos e professores, assinaturas de documentos testemunhando que Cornélia não teve participação na guerra, que não era favorável à violência cometida pelo partido e que não havia prejudicado ninguém, o que colaborou para a polícia libertá-la depois de nove meses de encarceramento.

Alemães que viviam na Holanda e membros do partido foram presos, incluindo pessoas de sua família. Ao serem libertados, houve outra pena severa:

“foi a punição para todos os membros do movimento nacional socialista holandês, [...] perdiam todos os direitos a ter um cargo oficial no governo, perdiam o direito de votar durante dez anos e também todas as propriedades que tinham” (VLIEG, 2011a).

Seus pais e irmã também haviam sido presos. O pai ficou pouco tempo. A mãe ficou cerca de 2 ou 3 anos a mais que ele. Quando saíram da prisão, a família toda havia perdido os direitos, exceto a aposentadoria do pai, que era muito pequena. Por isso, Cornélia não pôde pedir ajuda à família.

Depois da libertação, ela morou primeiro sozinha em um sótão e, depois, em um quarto de um grande edifício em Haarlem, comendo apenas bulbos de tulipa e beterraba raspada, que eram para ela “comida que só o estômago de um cavalo pode aguentar” (VLIEG, 2011c). Uma vizinha de quarto a ajudou muito nessa época, dando-lhe comida e dinheiro.

Seu primeiro emprego após a guerra foi o de letrista num supermercado, para escrever o preço dos produtos. O salário era pequeno e ela desenvolvia a atividade no setor subterrâneo e escuro do prédio, com apenas uma lâmpada sobre ela, o que lhe “matava a alma” (VLIEG, 2011c). Sua ideia e simpatia pela Igreja Católica cresceram nessa época. As memórias a respeito desse tempo têm uma atmosfera impressionante de sofrimento.

Cornélia migrou para o Brasil em 1959 para fugir da miséria que a guerra havia lhe imposto, deixando a família na Holanda. Por intermédio da ordem católica a qual era ligada, ela veio para trabalhar no setor de cerâmica e também para dar aulas de desenho numa escola. Além disso, ela também colaborava voluntariamente com a amiga enfermeira no setor da medicina, fazia desenhos e poemas para a igreja, festas e clube de bailes.

Como muitos holandeses que imigraram para Holambra, ela também foi trabalhadora de cooperativas. Em 1967, por algum motivo desconhecido, ela e muitos outros trabalhadores não receberam seus pagamentos e suas carteiras de trabalho que lhes permitiriam ser trabalhadores estrangeiros no país. Em mais um ato de coragem, Cornélia provocou enfrentamentos ao processar judicialmente a cooperativa, junto com alguns poucos “sitiantes” (VLIEG, 2011c) que concordaram com a proposta. Eles ganharam a causa, mas ela foi desligada da cooperativa, o que provocou enorme sofrimento, pois grande parte dos cooperados não só não a apoiaram, como também se afastaram dela.

Abalada com o isolamento imposto pela comunidade holandesa em Holambra e com receio de que novamente viesse a sofrer com problemas mentais como na época em que tentou o suicídio, Cornélia buscou a ajuda de um psiquiatra que tratou dela por um período de três meses, e que também indicou o Cândido Ferreira (na época, ainda um hospital psiquiátrico fechado) para ela trabalhar. Lá, Cornélia atuou como terapeuta ocupacional de junho de 1973 até se aposentar, em 1987, e depois como voluntária, duas vezes por semana, até 1994. Continuou prestando auxílio até 2000, coordenando doações de holambrenses para a instituição. Depois disso, sua participação foi “à distância”, como gostava de dizer.

Em 1973, a presidente da União das Mulheres, organização de mulheres em Holambra, convidou Cornélia para dar uma palestra em Sousas sobre o seu trabalho: “Ninguém conhecia a Terapia Ocupacional aqui, naquela época, em 1970, mas eu fiz uma palestra e contei o sentido e o rumo da Terapia Ocupacional e também a pobreza de lá [Cândido Ferreira]” (VLIEG, 2011a).

Depois dessa palestra, uma amiga e ela pediram às mulheres que enviassem, a cada dois meses, presentes para os pacientes que não tinham famílias, como roupas, objetos de higiene, cigarros, doces e salgadinhos. Durante cerca de 30 anos, 30 famílias fizeram isso fielmente, e outras continuaram fazendo ao menos no Natal e na Páscoa.

Entre 1988 e 1990, a situação financeira do hospital era muito ruim porque a inflação no país era altíssima. Como até então o hospital resistia com doações⁹, Cornélia e uma amiga pagavam uma viagem de Kombi por semana para que fossem trazidos dos sítios de Holambra verduras, legumes, frutas, ovos, feijão, arroz, frangos e carnes. Sua preocupação com o bem-estar dos pacientes e com o exercício da solidariedade e da fraternidade foi uma constante durante toda sua vida.

Além da contribuição dos moradores de Holambra, Cornélia conta que também solicitou, entre 1973 e 1976, ajuda financeira a institutos na Holanda, fundados para prestar auxílios a outros povos, e que foram usados para benfeitorias e compra de material para o Cândido Ferreira. Ela também fazia

⁹O Hospital Psiquiátrico Cândido Ferreira foi uma instituição filantrópica e dependeu de doações desde sua fundação, em 1924, até 1990, quando foi assinado um convênio com a Prefeitura de Campinas para que houvesse financiamento público.

passeios com os pacientes à Expoflora (uma grande feira anual de flores em Holambra), numa época em que quase ninguém se arriscava a sair com os internos além dos portões do hospital.

Cornélia conta que foi a primeira terapeuta ocupacional do Cândido Ferreira. Segundo ela, o diretor e outros médicos “conheciam a Terapia Ocupacional das gazetas [revistas e jornais científicos profissionais], e sabiam que o que eu queria era real e certo e positivo” (VLIEG, 2011c). Um pouco mais tarde, conseguiu que o hospital contratasse os dois primeiros monitores que trabalhavam com ela.

Cerca de sete anos depois de sua entrada no hospital, várias estagiárias do novo curso de Terapia Ocupacional na Pontifícia Universidade Católica de Campinas também chegaram para contribuir.

Sobre sua prática como terapeuta ocupacional, ela contou que trabalhava com monitores, a quem ensinou várias coisas, entre elas a avaliar os pacientes e os efeitos da intervenção. Eram os pacientes que escolhiam as atividades que realizavam, e ela percebia que a terapia os ajudava.

Cornélia inovou ao inventar práticas de cuidado com os recursos que dispunha. Além dessa atuação profissional, ela também fazia desenhos e aquarelas para presentear, cartazes, pinturas para paróquias, colaborações com poemas e textos afins para um jornal impresso de Holambra, e o que ela chamava de “cartinhas da Igreja”, que eram textos e desenhos, em holandês e português, distribuídos por ela durante as missas.



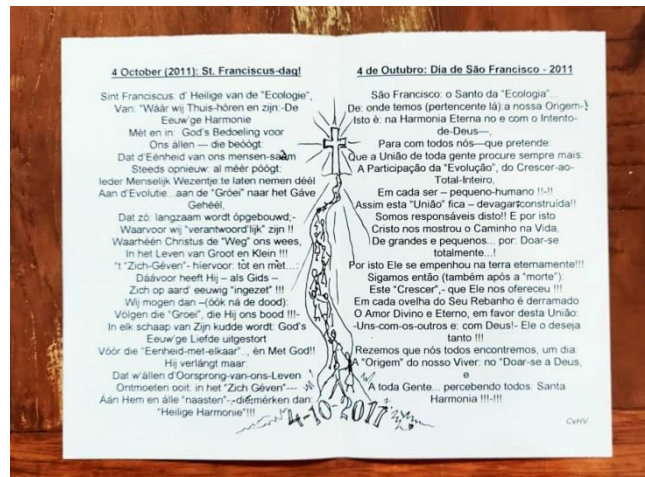


Figura 4 Logotipo da Associação Cornélia Vlieg (fonte: <http://armazemoficinas.com.br/novo/associacao-cornelia/>) e o que ela chamava de “cartinhas da Igreja” (Cornélia colaborou com textos e desenhos para a Igreja desde que chegou a Holambra até o seu falecimento)

Em 1991, quando já existiam algumas oficinas de geração de trabalho e renda no Cândido Ferreira (CAYRES et al., 2001; ALCÂNTARA, 2007), foi criado o Núcleo de Oficinas de Trabalho (NOT), que logo cresceu pela demanda de que mais pacientes participassem do projeto. Para movimentar financeira e politicamente as recém-criadas oficinas, foi fundada uma Associação. Pouco depois de se aposentar, em 1993, sem que Cornélia soubesse, os pacientes escolheram seu nome para a Associação e lhe fizeram uma festa surpresa para contar a novidade. Cornélia se lembrou com especial felicidade desse acontecimento. A escolha feita livremente pelos pacientes que haviam sido cuidados por ela indica um grande reconhecimento, na instituição, da ética e do comprometimento profissionais de Cornélia.

Ela conta com emoção: “Me lembro quando foi fundada [a Associação]. Eles me convidaram para um tipo de reunião e eu fui lá (...) E lá havia uma festa. E quando eu entrei, percebi... Imaginei: me... me enganaram! Que seria? Por que a grande festa? E daí foi fundada” (VLIEG, 2011a).

5 SOBRE O INCONCLUSIVO

Para Arendt (2003), o sentido das ações e o “quem” que cada um é só se revelam plenamente por um olhar retrospectivo e nas histórias e narrativas singulares construídas no vivido. Essas histórias são múltiplas e podem ser contadas e recontadas, num processo de criação que torna o acontecimento compartilhável com outros que não estavam presentes ao seu desenrolar. Elas

são o único meio pelo qual as manifestações intangíveis de seres singulares podem tornar-se tangíveis e se perpetuar. Contamos, aqui, passagens de uma vida que, às vezes, parecem não caber nas palavras.

As narrativas de Cornélia são capazes de produzir atravessamentos em que aceita o convite para conhecê-las. Em mim, há marcas produzidas pelos encontros com Cornélia que se traduziram em minha dissertação, em meu trabalho como psicóloga e em meu modo de compreender o ser humano. Marcas nem sempre permitem perceber o fim; elas podem anunciar constantemente que as transformações continuam ali surtindo efeito. Por isso, não posso terminar este texto sem afirmar que há algo de inconclusivo aqui. Essa mulher doce, valente, gentil, bem-humorada, forte e encantadora, que foi apresentada aqui como estrangeira, louca, presa, religiosa, sobrevivente de guerra, me ensinou a respeito, sobretudo, da importância da resiliência e da possibilidade da superação e da recuperação. Estar com ela parecia sempre ser um momento de estar com uma multidão. Essas muitas Cornélias inspiram os afetos mais alegres porque, apesar de uma história repleta de passagens tão sofridas, ela foi capaz de aprender com as situações e se reinventar (notas de diário de campo).

Da internação psiquiátrica à atuação como terapeuta ocupacional, seu caminho trilhado na Saúde Mental é rico e vasto. Seja como paciente ou como cuidadora, Cornélia dedicou-se durante décadas a entender e auxiliar o ser humano. Dessa intenção constante de compreensão, fé e devotamento, ela construiu sua vida. Sobre isso, ela disse que

[...] nós (seres humanos) estamos nos desenvolvendo esplendidamente na técnica e na ciência, por um lado... Mas, por outro lado, não sabemos fazer uma ligação entre as coisas que aprendemos, as sabedorias conquistadas, e os problemas grandes e difíceis, especialmente problemas no 'terreno' psíquico e/ou espiritual (VLIEG, 2011b).

Inventar lugares para si num mundo hostil de guerra, restrições e preconceitos, e pretender ser útil: eis a marca maior da sua vida como obra de arte (Foucault, 1984, 1993).

Cornélia era forte porque estava disponível à vida. Sua sabedoria também vem de experiências, abertura ao novo e de uma postura alegre. Ela escreveu: "A gente nunca vai ficar 'velha demais' para poder aprender, para ser ensinada pela vida. E também, nenhuma cultura evolui sem aprender." (VLIEG, 2011c).

Ela partiu em julho de 2015 e nos deixou como legado sua história de vida inspiradora. Foi nesse contexto de permanente aprendizagem que Cornélia

decidiu contá-la, com o pedido de que a pesquisadora a tornasse pública. Com a mais genuína humildade e talvez com a sabedoria e a generosidade que só se alcança ao fim de uma longa e bem vivida existência, pedir que sua história fosse partilhada com a única intenção de “ser útil”, sem pretensão de reconhecimento de qualquer espécie, é uma condição que, tomara, um dia alcancemos todos. E esse partilhar parece mágico porque, em vez de dividir, partir, fragmentar, ele multiplica a radicalidade da vida em nós.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, L. C. **Economia solidária e oficinas de trabalho na saúde mental.** In: MERHY, E.E.; AMARAL, H. (Orgs.). *Reforma psiquiátrica no cotidiano II.* São Paulo: Hucitec, 2007, p.151-161.

ALVAREZ, J.; PASSOS, E. **Cartografar é habitar um território existencial.** In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. *Pistas do método da cartografia – pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.* Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 131-149.

ARENDT, H. **A condição humana.** Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

BENJAMIN, W. **O narrador:** considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, p.213-240.

CAYRES et al. **O desafio da reabilitação profissional.** In: HARARI, A.; VALENTINI, W. (Orgs.). **A reforma psiquiátrica no cotidiano.** São Paulo: Hucitec, 2001, p.105 a 112.

FOUCAULT, M. **Entretien avec Alexandre Fontana.** Une esthétique de l'existence. *Le Monde*, 15 -16 jul.1984, p. 11. Disponível em: <http://1libertaire.free.fr/MFoucault214.html>. Acessado em 14/06/2017.

FOUCAULT, M. **Prefácio a uma vida não fascista.** *Cadernos de Subjetividade.* São Paulo, v.1, n.1, 1993. p.197-200.

FRANK, A. **O diário de Anne Frank**. Record: Rio de Janeiro, 2003.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

KASTRUP, V.; BARROS, R.B. **Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia**. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. *Pistas do método da cartografia – pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Meridional, 2009. p.76-91.

RODRIGUES, A. C. **Produção de cuidado em oficinas de geração de trabalho e renda na saúde mental**. Dissertação (mestrado em Psicologia) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Pós-graduação em Psicologia. Assis, 2012.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.

VLIEG, C.M.E.V.H. **Entrevistas**. Entrevistas concedidas a Ariana Campana Rodrigues em março e abril de 2011. Holambra/SP, 2011a.

VLIEG, C.M.E.V.H. **Escrito da vida em cores** [manuscrito]. Holambra/SP, 2011b.

VLIEG, C.M.E.V.H. **Viver duma alma** [manuscrito]. Holambra/SP, 2011c.